

OS MEUS PASSAÍOS

por—J O R G E V I C T O R

1

No *Diabo* e no *Sol Nascente* foram ultimamente publicados alguns judiciosos comentários ao desporto. A meu ver só é pena que esses belos artigos tenham sido tiros isolados, quando falta uma total ofensiva! E estas publicações só conhecem, ou apenas faziam referência, ao desporto no alto, o das grandes cidades e praticado nas ricas organizações! Que diriam se conhecessem o desporto pobretano que se pratica aí pelas vilas e aldeias do país! O «Progresso» tem estas coisas, leva tudo e a toda a parte—mas muitas vezes numa imitação tão reles, mediocre e de baixo tipo que mais valera não existir. Sucede isto com grandes coisas e sérias. Uma delas é o desporto.

Dou-lhes um exemplo. A minha vila, que tem uma população total, incluídos velhos, mulheres e crianças inferior às guarnições de alguns navios de guerra, possui cinco agrupamentos desportivos. Cinco, nada menos. Cinco, em luta uns contra os outros, em concorrência e deslealdades de tipo liberalista-burguês, característica duma época. O «clima» desportivo revela-se nos seguintes factos: há tempo realizou-se uma competição náutica. Nadadores individuais, e representantes de clubes. Barquinheiros destes, de apoio; outros com alguns dirigentes. Pois em vários destes barquinheiros, os próprios «dirigentes», numa tal oportunidade, à vista do público, inconscientes e oferecendo-o aos espectadores, petiscavam não sei o quê e emborcavam garrafas de belo tinto. Suponho que seria belo pelo agrado com que o vi emborcar!

Entre a assistência aos desafios de futebol, modalidade de maior paixão, também é vulgar o citado emborcamento. Já vi *équipers*, beberem a sua pinga, da garrafa oferecida por um *clubman*, durante o próprio jogo enquanto a acção deste passava no campo adverso e dava assim vagares ao jogador. Querem melhor? Querem mais representativo duma «Civilização», dum «Progresso»? Haverá mais, talvez muito mais; melhor não é possível. Há tempo, um dos clubes fez uma pequena festa de aniversário. Pôrto de honra. Pôrto, ou carraseão, ou escarchado; não sei. Mas era de honra. Em seguida víamos alguns jogadores e entusiasmados a passearem bêbados, aí pela vila e fazendo-se ainda mais bêbados, pecha vulgar na rapazia-

da. Exibindo-se, vitoriando-se. A aldeia tem disto; não há os mantos diáfanos da Cidade. E a propaganda e acção dos *clubmans* aí nas lojas de barbeiro, para roubarem jogadores aos adversários! E as aguerridas contendas, a palavrões, a insultos e golpes de casuística, a mais imbecilizante e desleal e deshonesto! Se nos lembrarmos que o meio onde tudo isto se dá é principalmente o dos jovens, poderemos avaliar os óptimos resultados no carácter! Esta concorrência de tipo mercantil, burguês-liberalista, que existe em toda a nossa vida actual, nas coisas mais espirituais, como adiante direi, e a despeito de certa mística que por aí escorre desde recuado tempo florescia, provinciana e lórpamente, no alecrim e manjerona das músicas, mas agora estende-se e mais viceja pelo desporto. Pelo chamado desporto!

O velho e típico antagonismo de lojas, a inimizade de oficiais do mesmo ofício que informa toda a nossa vida nesta civilização, encontrou mais um campo onde se reforça e faz discípulos. E o «anti-liberalismo» dominante, ingenuamente (vá lá ingenuamente) não sabe ou não pode desalojar o inimigo, deixando subsistir os fortes particularismos que o constituem e alimentam. Fala-se muito de unidade, de interesse comum, de bem geral, de colectividade. Mas, a sério, onde está essa noção do comum dentro duma economia de lobos, numa arte de púrrias, num desporto de quadrilhas, numa ciência de conventículos?! Pois não há antes, tipicamente, como padrão de vida, a concorrência lojista, mercantil, liberal-burguesa, afinal essência duma «Civilização», dum «Progresso»?

Nesta tal época, onde fica o geral, o nacional? Como atrás escrevi, mesmo nas coisas mais espirituais, pois na própria assistência, na caridade, na previdência social existe idêntica competição. Na minha vila, ainda para exemplo, esta minha vila com uma população total de número inferior ao das guarnições de alguns navios de guerra, síntezinha nacional e por isso muito interessando o seu exemplo, temos sete instituições de assistência. Sete, que bom, não parece?! (Pois bom demais; demasiadamente bom para ter a necessária utilidade. No desporto cinco clubes, como já disse. Sociedades recreativas três. De freguezia para fregue-

zia há rivalidades e competições. há-as de herdade para herdade, de fábrica para fábrica, de altar para altar, de homem para homem. Onde fica aí o geral, o comum, entre tantas e tão tôlas particularidades liberal-capitalistas! Particularidades económicas e também, queridos místicos, as conexas particularidades metafísicas!!! Em toda a parte, neste meio de lobos, de lobos e pedantes, onde fica o geral?! Ora de tudo isto não pode deixar de resultar uma vidazinha inútil e safada, muito burguesa, ineficaz, cheia de intrigas e pequeninas perfidias e deslealdades, reles de tanto conformismo e comodismo e subserviência. Não será assim para os que o conseguem ignorar, nas grandes—grandes?!—cidades; nem para os que realmente o ignoram, à força de cultivar a futilidade; nem para os felizes de sempre a quem Cristo garantiu bom lugar no Céu, tanto os aprecia!—mas pelo restante Portugal é essa a cómoda e tranqüilla vida que nos impõem. Entre nós, ao contrário da Itália mussolinica onde se ama a vida incómoda, o ideal é a Rua do Ouro, às tardes. Descrevendo-a numa crónica, certo jornalista rematava babosamente: «dá gosto ser português». Pois dá, e quem o não sentir bastante, na Rua do Ouro, às tardes, meta-se no comboio e venha por aí fóra. Não terá apenas gosto, terá a volúpia de ser português!

2

Os combolos que chegam à minha terra no dia de todos os santos veem chelos de passageiros, que aí despejam. São as maltas de ratinhos.

Nenhuma das lojas pendurou qualquer artigo nas ombreiras das portas, ou nas montras que modernamente vão tendo. Para quê se os ratinhos chegam de algibeiras vazias?! Isso é bom lá para daqui a oito meses, à partida, que talvez se namorem de lenço garrido, bom para a mulher, ou de sapatos de fina vitela para êle mesmo, metidos pelos olhos dentro, ali nas montras.

O dia da chegada é para arranjar os quartéis. Bem dito o nome de quartéis, para êste exército do trabalho, com praças de ambos os sexos e com lusitos, com a idade dos lusitos, é claro, porque êstes lusitos vão trabalhar de sol a sol,

de enxada nas pequenas mãos, como vólhas praças. Nesse dia acareia-se o caldeiro das migas, a amassaria, o candeio do azeite, desde o palácio do patrão para o casão da malta, vai-se ao junco para as camas, e nada mais se faz. A ofensiva começará na madrugada seguinte, muito antes do sol nascer, com qualquer tempo, contra as moitas recentes e teimosas, contra velhas cépas que abrigaram raposas, gatos bravos e até seu lobo. Regressa-se ao junco das camas, bem entrada a noite, quando o trabalho fica a léguas do quartel, como geralmente acontece. Que importa que seja longe ou perto quando o percurso é por conta do trabalhador? Porque, quando se faz à conta do patrão, como o desde o trabalho aos fogões, logo há ordem para êstes andarem sempre perto, atrás do pessoal. Cada malta tem o seu comando: o moiral, generalíssimo, o sota, vice-rei, o escrevente, o amassalão. O moiral anda sempre com um formidável varapau (desculpe-se o termo de formidável, mas como resistir a estas modas cosmopolitas?). É um símbolo, como a vara da justiça. Simplesmente, no caso do moiral, um pouco mais grossa por causa das dúvidas. Há maltas de homens, há-as de mulheres e de rapazes. E' nestas que se encontram alguns pequeninos a aprender o que é a vida. Eis a sua única escola. Certos moirais ganham um tanto das respectivas famílias por cada um que engajam. Desculpem: que *contratam*. O direito neste regime de trabalho é o consuetudinário. Não há nada escrito. Regula apenas o costume e com as interpretações que poderão calcular-se. Na África ainda há o curador dos indígenas—mas a África está por cristianizar. Cá na metrópole os rurais não precisam de contratos escritos nem de curadores. Isto não é África!

Ainda são felizes os beirões que arranjam lugar nas maltas; pior ficam os que não veem. Quando o patrão manda ao moiral um escrito dizendo para trazer uns tantos, desde há anos para cá êle traz sempre mais quatro ou cinco, por isto e mais aquilo. O patrão zanga-se, mas são mais êsses que ficam no rancho com a temporada garantida. Pelo alentejo ganham pouco, mas na terra é a fome, pior ainda. Com as mulheres sucede outro tanto e com os rapazes o mesmo.

(Continua na página dezasseis)